

Potencialidades da teoria das mediações para o estudo dos impactos das realidades sintéticas na sociedade¹

Ana Carolina Monari²
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Resumo

Considerado como o risco mais grave a ser enfrentado nos próximos anos, o cenário da desinformação pode ser intensificado pela inteligência artificial (IA). Com isso, as realidades sintéticas (criações digitais contextualmente geradas por IA) se tornam um desafio para a sociedade, principalmente por suas aplicações questionáveis como conteúdos enganosos/desinformativos. Diante disso, este trabalho se propõe a apresentar uma perspectiva comunicacional para se compreender esse fenômeno: a teoria das mediações de Jesús Martín-Barbero (1997; 2004). Serão apresentadas duas aplicações dessa teoria: 1) mapa do sistema das mediações algorítmicas e 2) entrelaçamento teórico-metodológico entre a teoria das mediações e a etnografia. Dessa forma, oferece-se uma reflexão sobre essa questão a partir da cultura e entende-se a comunicação não apenas como algo humano, mas para além dele, envolvendo outros atores e instâncias, como as mídias sociais e a IA.

Palavra-chave: desinformação; realidades sintéticas; teoria das mediações.

Introdução

O Fórum Mundial Econômico (2024) elegeu a desinformação como o risco mais grave a ser enfrentado nos próximos dois anos. Em seu Relatório de Riscos Globais (2024), a entidade destaca que esse cenário está sendo impulsionado pelo avanço e popularização da tecnologia, como maior acesso à internet, às mídias sociais e à inteligência artificial (IA). Em relação ao último tópico, ela alerta para o fato de que a IA não requer mais um conhecimento técnico profundo para ser utilizada, o que faz com que qualquer pessoa consiga criar realidades sintéticas de forma rápida e fácil.

Realidades sintéticas são definidas como qualquer criação ou amplificação digital contextualmente gerada por métodos de IA (Cardenuto et al., 2023). Baseadas em grandes quantidades de dados, essas técnicas/modelos acabam proporcionando a criação de uma nova “realidade”/narrativa, independentemente da intenção de enganar o indivíduo ou não. Elas abarcam um amplo conjunto de usos e intenções, que vão desde experiências positivas até as mais questionáveis, como conteúdos enganosos e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desinformação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Informação e Comunicação em Saúde (Fiocruz), pesquisadora de pós-doutorado do Recod.ai (laboratório de Inteligência Artificial) - Unicamp e bolsista Fapesp (nº. do processo: 2024/14064-5). E-mail: acmonari@unicamp.br

desinformativos, propaganda e manipulação (Moreira et al., 2024). E sua disseminação pode ocorrer em vários campos, inclusive na comunicação e nas mídias sociais.

Considerando que nos próximos anos, cerca de 90% do conteúdo digital será sintético (Cardenuto et al., 2023), é importante compreender quais os impactos que as realidades sintéticas podem ocasionar na sociedade, principalmente no que se refere à produção, circulação e disseminação de (des)informação nas mídias sociais. Isso é ainda mais válido tendo em vista as consequências que esse tipo de conteúdo pode ocasionar em diferentes áreas, como a política e a saúde.

Monari (2025) demonstrou, por meio de uma pesquisa bibliográfica, que as pesquisas que relacionam desinformação e IA e/ou realidades sintéticas ainda são incipientes. Em seu mapeamento nas plataformas Scielo e Scopus, ela identificou que os poucos estudos sobre o tema focam em uma discussão mais teórica e tendem a se concentrar em soluções tecnológicas para a sua resolução sem, no entanto, compreender as raízes do problema por meio daqueles que são os mais afetados: as pessoas. E é nesse ponto que a comunicação pode contribuir.

Partindo da ideia de que vivemos em uma sociedade digital (Lupton, 2015), não é mais possível acomodar estudos que entendem a comunicação como um processo apenas humano (Seaver, 2017). É necessário, portanto, que sejam feitas pesquisas que foquem nos processos envolvendo pessoas e IA dentro de um mesmo quadro teórico, pois com isso poderemos entender em quais situações culturais essas tecnologias são construídas e implementadas.

A perspectiva da teoria das mediações de Jesús Martín-Barbero (1997; 2004) pode se apresentar como um meio para se compreender esse fenômeno, especialmente porque ela reinsere a discussão sobre comunicação a partir da cultura. Portanto, esse trabalho se propõe a apresentar as potencialidades dessa perspectiva para os estudos dos impactos das realidades sintéticas na sociedade, em especial a desinformação criada por IA, a partir de 2 exemplos: 1) mapa do sistema das mediações algorítmicas e 2) entrelaçamento teórico-metodológico entre a teoria das mediações e a etnografia.

Sujeito como ator ativo no processo comunicacional

Na década de 1980, Stuart Hall inaugurou a perspectiva dos estudos culturais com a ideia de que o sujeito é ativo no processo da comunicação. Seguindo os

pensamentos de Hall, os estudos culturais latinoamericanos conferiram ao receptor o lugar de protagonista nesse processo, destacando sua cooperação nos processos de formação de sentidos. Começou-se, portanto, a se pensar os usos, as apropriações e as produções de sentido e em como esses processos são dependentes do contexto familiar, histórico, institucional, cultural, social e político em que o indivíduo está inserido (Winques; Longhi, 2022).

Martín-Barbero (1997) estudou o conceito de popular por meio das mediações ao invés da mídia, isto é o processo ao invés do objeto. Com isso, ele trouxe uma análise detalhada de como as classes populares reconheciam a si mesmas e as suas experiências cotidianas na mídia. Se naquele momento, o foco era as mediações estabelecidas pelas pessoas com a televisão (no caso, a telenovela), atualmente podemos trazer nossas análises para outros tipos de mídia e tecnologias, como as redes sociais digitais e a própria IA.

A abordagem de Martín-Barbero (1997; 2004) pode ser definida como um estudo das experiências em que a mídia se transforma em parte da vida cotidiana das pessoas e em como as suas práticas refletem na submissão e na resistência ao poder, a economia e as pretensões da hegemonia política da mídia (Siles et al., 2023). Para ele, a recepção/consumo é um lugar epistemológico e metodológico, em que o processo de comunicação deve ser representado, sendo que a investigação deve partir das mediações e não do estudo isolado de cada um dos polos envolvidos no processo (no caso, emissor e receptor). Em outras palavras, foca-se nos processos, nas práticas, nas mediações que envolvem as pessoas com os aparatos comunicacionais.

Compreendemos que a nossa relação com o mundo nunca é feita de forma direta, mas é constituída por várias mediações (sociais, culturais, políticas, econômicas, institucionais etc.). Sendo assim, a mediação, de acordo com a lógica de Martín-Barbero (1997), se aproxima do que chamamos de relações sociais e culturais. Ela é o espaço em que surgem as contradições que delimitam e configuram a materialidade do social e a expressividade do cultural (Sacramento et al, 2022).

Nesta breve contextualização das ideias teóricas de Martín-Barbero, buscamos explicar o que o pesquisador entende por mediações e como elas são importantes para o estudo dos processos comunicacionais a partir da recepção/das pessoas. Ele também apostou, no entanto, na construção de alguns modelos metodológicos, como os mapas

noturnos. O primeiro exemplo a ser retratado neste trabalho trata-se, justamente, de uma adaptação desses modelos a partir da óptica das novas tecnologias de comunicação.

Mapa do sistema de mediações algorítmicas

Winques e Longhi (2022) afirmam que as mediações de Martín-Barbero são o *lugar* em que é possível compreender as interações existentes entre o espaço da recepção e o da produção. É uma epistemologia que se utiliza de rastros para fazer a sua leitura. Com base nisso, elas propõem a criação do *Mapa do Sistema de Mediações Algorítmicas*.

Esse modelo teórico-metodológico pode nos auxiliar, entre outras coisas, a compreender como as plataformas digitais se colocam como espaços que, por meio da comunicação, encenam o social. Elas delimitam como mediações básicas: *institucionalidade e tecnicidade*, no eixo horizontal; e *temporalidades e fluxos*, no vertical. Como eixos de sub-mediações aparecem: *narrativas, algoritmos, socialidade e cidadania*.

Figura 1 - Mapa do Sistema de Mediações Algorítmicas



Fonte: Winques; Longhi (2022)

Jacks (1999) salienta que mediações são realizadas pelas instituições às quais o ator social pertence ou possui algum tipo de contato, como bairro, escola, religião, partido político, sindicato, empresa, família etc. É uma dimensão que entende as instituições como importantes para a formação das mediações, por isso Winques e Longhi (2022) ressaltam a necessidade de considerar as diversas mídias, principalmente as plataformas digitais, como espaços mediadores dos modos de ver, pensar e agir.

Para elas, as novas mídias têm uma inserção diferente nas práticas sociais, pois ela se dá pela integração a uma diversidade de contextos institucionais privados,

semi-privados e públicos. Embora a mídia possa servir a diferentes usos, são suas *affordances*, ou seja, suas possibilidades comunicativas, estéticas e sociais, que determinam quais padrões de interação social serão dominantes. No contexto da desinformação sintética, isto é, aquela criada pela IA, as *affordances* podem ser uma das chaves para a compreensão dos modos pelos quais os usuários se engajam com esse tipo de conteúdo. É igualmente uma forma de apreender como essas peças desinformativas circulam por esses espaços.

A institucionalização envolve, por outro lado, uma alocação de recursos, seja em termos econômicos ou de aprendizado social - no caso da IA, isso vem sendo cada vez mais facilitado pelas próprias empresas responsáveis por esse tipo de ferramenta. Semelhante ao abordado por García Canclini (2020) em relação às plataformas digitais, compreendemos que as empresas de IA reconfiguram os significados de coexistência e de interações. Com isso, socialidade e cidadania acabam se conectando à dimensão institucional, “pois a atuação das instituições auxilia na formação das relações cotidianas e dos laços sociais e nos modos de o cidadão desenvolver a sua participação política e identidade” (Winques; Longhi, 2022, p. 162).

Já a instância de tecnicidade está mais relacionada à visão de Martín-Barbero (2011) de que as redes de computadores transformaram a relação com o tempo e o espaço, uma vez que mobilizam figuras de conhecimento que escapam à razão dualista. Winques e Longhi (2022) explicam que o computador não é uma máquina tradicional de produção de objetos simbólicos, mas um dispositivo portador de um novo tipo de tecnicidade, composto pelo processamento de informações, pela produção simbólica e pelas relações entre a ordem do discursivo (lógica) e a do visível (a forma).

Neste ponto, Martín-Barbero (2011) não assume ou defende a prioridade dos meios, porém ele reconhece que a comunicação se avoluma, se “adensa” com as novas dimensões da tecnicidade, que o comunicativo está se tornando cada vez mais forte e que as novas mídias fazem parte das experiências simbólicas - sendo estas elaboradas pelas narrativas e pelos algoritmos.

Segundo Winques e Longhi (2022), a complexidade social, constituída por tecnologias digitais, fornece novos meios de criar, recriar, ler e reler narrativas. Sendo assim, é preciso considerar a experiência do sujeito que, em razão de suas expectativas, cria novas possibilidades de narração. Os algoritmos podem ser considerados, por outro

lado, como instâncias que medeiam, de modo intenso e acelerado, a transformação da nossa sociedade. Tal como dispositivos de organização, modulação e performatividade, eles abandonam o campo de objeto número para se apropriarem dos referenciais culturais dos usuários.

Em relação às temporalidades, Martín-Barbero (2017) ressalta que a nova era do sensível compreende a superação da sequência linear ininterrupta do tempo da informação e potencializa novas temporalidades, que rompem velhas fronteiras de conhecimento e pertencimento. Elas estão no cerne da experiência da cultura de fragmentação que se expressa através da crescente identificação com histórias fragmentadas em vídeos, áudios, textos, fotos etc. Isso é algo que a desinformação sintética pode se apropriar bem, uma vez que ela pode conectar diferentes narrativas para contar ao público sua própria história - de forma rápida e com grande circulação entre as diferentes plataformas, ainda mais se ela envolver aspectos emocionais que podem ser ativados por instâncias como as instituições em que esse ator social pertence.

As temporalidades estão conectadas aos fluxos, que, de acordo com Winkes e Longhi (2022), são espaços descentralizados e de múltiplas espacialidades. Elas podem ser: (1) habitado: de território, proximidade e pertencimento; (2) produzido: que tece as redes eletrônicas; (3) imaginado: da nação e de sua identidade; e (4) praticado: que envolve a subjetividade emergente da nova relação com a cidade e dos modos de sua apropriação. Diante disso, pensar na instância de fluxos é considerar a posição de uma geografia que reconheça a espacialidade, igualmente presente na virtualidade, como um lugar de contradições e disputas.

O mapa apresentado acima e as mediações compreendidas nele se pautam pela ideia de que a recepção não se conforma apenas durante o ato de acessar os conteúdos na web, usar as mídias sociais digitais, solicitar *prompts* a uma ferramenta de IA ou fazer uma pesquisa com buscadores online. A produção de sentidos se dá por meio da combinação dessas diferentes mediações que atravessam o processo de recepção.

Por isso, para se pensar as formas como a desinformação sintética circula ou como os algoritmos e a IA funcionam não basta apenas colocá-los como entidades autônomas dentro dos processos comunicacionais. É necessário se pensar nas relações que as constroem e nos mundos de referências das pessoas que o criaram e das pessoas que os consomem (Seaver, 2018). Eles são feitos de decisões humanas, que, em

diferentes momentos históricos e situações sociais os definiram e os imputaram significados sociais (Seaver, 2017).

Isso é uma das potencialidades que a teoria das mediações (1997; 2004) pode conferir aos estudos das realidades sintéticas, uma vez que o seu foco se dá, justamente, em entender como “os conteúdos são consumidos em um cotidiano atravessado pelas práticas sociais originadas de outras mediações do sujeito que auxiliam na formação das opiniões, ações e memórias” (Winques; Longhi, 2022, p. 168)

Teoria das mediações e etnografia

Para além dos mapas, a teoria das mediações (1997; 2004) também pode ser aplicada em conjunto com outras perspectivas teóricas e metodológicas. Em seu livro “(Des)Informação em saúde: na perspectiva das mediações”, Sacramento, Falcão e Monari (2024) propõem uma abordagem teórico-metodológica para a compreensão da desinformação em saúde por meio do entrelaçamento da teoria das mediações com a perspectiva etnográfica (Fragoso; Recuero; Amaral, 2011).

Segundo os autores, essa abordagem proporciona o entendimento das mediações culturais presentes nesse ecossistema de (des)informação: ou seja, os modos como os processos de comunicação integram a cultura. É também uma forma de apreender diferentes aspectos desse fenômeno, como a produção social dos sentidos, os diferentes sistemas de crença, as desigualdades sociais, as disputas políticas, ideológicas e religiosas e a configuração atual da sociedade brasileira.

A união da teoria das mediações com a etnografia (Sacramento; Falcão; Monari, 2024), especialmente quando empreendida em estudos de ambientes digitais, proporciona uma espécie de lente que nos permite observar as particularidades e as transformações operadas pela tecnologia nos usos empreendidos pelas pessoas dos meios e da informação. Isso permite que possamos investigar as interações a partir do ponto de vista daqueles que estão vivenciando aquela determinada experiência.

Geertz (1971) define a etnografia da seguinte forma: a antropologia busca compreender os “porquês” por intermédio da descrição do “como”, ou seja, das formas e dos caminhos percorridos pelos atores para chegar em uma determinada ação. De acordo com ele, a descrição etnográfica tem quatro características: é interpretativa, uma vez que intenta interpretar o discurso e “salvar o que foi dito” da possibilidade de

desaparecimento, incrustando-o em formas investigáveis (1989, p. 31); é também uma descrição densa e microscópica, pois seu objetivo é registrar o que é visto e dito *in loco*, inclusive em ambientes digitais.

É importante mencionar o caráter público manifestado pela cultura. Ela é construída por estruturas de significados socialmente estabelecidas, funcionando como um contexto no qual “acontecimentos, instituições, processos e comportamentos” se expõem publicamente e, portanto, podem ser descritos de forma densa (Geertz, 1971). Em outro momento, Sacramento e seus colaboradores (2022) destacam que a antropologia em ambientes digitais é tanto um estudo sobre o que as pessoas estão se transformando quanto sobre o que as tecnologias estão se tornando. É a antropologia que nos permite compreender quais bases o ser humano se constitui enquanto tal, além de se ocupar com a análise de situações de conflito e da formação de consensos – o que permite abranger a complexidade e as contradições existentes ao estudo de um mundo permeado por tecnologias digitais.

Em relação às realidades sintéticas, em especial a desinformação criada a partir de IA, o entrelaçamento da teoria das mediações com a perspectiva etnográfica fornece ferramentas para compreender os usos e os significados atribuídos pelos usuários à desinformação sintética. Ela permite, por exemplo, analisar como são elaboradas as campanhas de desinformação, sobretudo políticas ou de saúde, e quais motivações as impulsionam; investigar o funcionamento das câmaras de eco; e examinar de que maneira conteúdos científicos, políticos e jornalísticos são utilizados para diminuir a confiança nas autoridades epistêmicas.

Ela ainda pode dar subsídios para a realização de pesquisas em campos de difícil acesso ou de grande tensão, como os campos contestados (Faust; Pfeifer, 2021), em que as crenças, posicionamentos e visões de mundo do pesquisador diferem totalmente dos pesquisados. A abordagem foi fundamental, por exemplo, para o empreendimento do estudo da desinformação científica em canais anticiência no *Telegram* (Monari, 2024), em que havia uma grande cisma em relação ao papel da pesquisadora naquele espaço.

Considerações finais

Este trabalho trouxe duas potencialidades de aplicação da teoria das mediações (1997; 2004) nos estudos sobre realidades sintéticas. Tanto o Mapa do Sistema de

Mediações Algorítmicas (Winques; Longhi, 2022) quanto o entrelaçamento da abordagem de Martín-Barbero com a perspectiva etnográfica (Sacramento; Falcão; Monari, 2024) podem ser caminhos para se pensar os fenômenos desencadeados pela desinformação sintética em nossa sociedade.

É também uma outra chave para se refletir sobre a questão, que foge das discussões teóricas sobre o tema ou das construções tecnológicas para sua resolução (Monari, 2025). Compreender os usos e os sentidos atribuídos pelos usuários a esse tipo de conteúdo pode ser uma forma de entender o fenômeno em seu cerne, bem como as razões que levam as pessoas a se apropriarem e disseminarem esse tipo de (des)informação.

Por fim, é importante mencionar que, diante da limitação de espaço, foram citadas apenas duas possibilidades, mas a teoria das mediações pode ser aplicada em outros contextos e em parceria com outras ferramentas, como aquelas oriundas da ciência da computação.

Referências

CARDENUTO, J. P. et al. The age of synthetic realities: Challenges and opportunities. **APSIPA Transactions on Signal and Information Processing**, v. 12, n. 1, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1561/116.00000138>. Acesso em: 10 fev. 2025.

FAUST, Lene; PFEIFER, Simone. Dark ethnography? Encountering the ‘Uncomfortable’ Other in Anthropological Research: Introduction to this Special Section. *Zeitschrift für Ethnologie - Journal of Social and Cultural Anthropology*, [s. l.], v. 146, p. 81-90, 2021.

FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL. **Global Risks Report 2025: Insight Report**. Cologny/Geneva: World Economic Forum, 2025.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Ciudadanos reemplazados por algoritmos**. Bielefeld University Press, 2020.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1971.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

JACKS, Nilda. **Querência: Cultura regional como mediação simbólica**. Editora UFRGS, 1999.

LUPTON, Deborah. **Digital Sociology**. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos medios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. La pertenencia en el horizonte de las nuevas tecnologías y de la sociedad de la comunicación. In: HOPENHAYN, Martín; SOJO, Ana (Eds). **Sentido de pertenencia en sociedades fragmentadas: América Latina desde una perspectiva global**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2011. p. 105-126.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Jóvenes. Entre el palimpsesto y el hipertexto**. Barcelona: NED, 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos medios às mediações: Três introduções**. Matrizes, v. 12, n. 1, p. 9-31, 2018.

MONARI, Ana Carolina. **Quem consome fake news consome fake news? Os usos e os sentidos atribuídos à ciência e ao jornalismo em canais sobre covid-19 no Telegram**. 2024. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde) – Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2024.

MONARI, Ana Carolina. Desinformação e inteligência artificial: perspectivas, reflexões e potencialidades de estudo para o campo comunicacional. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 28., 2025, Campinas - SP. **Anais eletrônicos [...]** Campinas: Intercom, 2025. p. 1-6. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/18/2916/0331202520272367eb24db14130.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2025.

MOREIRA, Daniel; Marcel, Sébastien; Rocha, Anderson. Synthetic Realities and Artificial Intelligence-Generated Contents. **IEEE Security & Privacy**, v. 22, n. 3, p. 7-10, 2024.

SACRAMENTO, I.; MONARI, A. C.; FALCÃO, H. Mediaciones culturales y etnografía: entrelaces teórico-metodológicos para la comprensión de los procesos de desinformación en la salud. **Razon y Palabra**, v. 26, n. 115, p. 74-90, 2022

SACRAMENTO, Igor; FALCÃO, Hully; MONARI, Ana Carolina. **(Des)Informação em saúde: na perspectiva das mediações**. Rio de Janeiro: Mauad X: 2024.

SEAYER, Nick. Algorithms as culture: Some tactics for the ethnography of algorithmic systems. **Big Data & Society**, p. 1-12, 2017.

SEAYER, Nick. What should an anthropology of algorithms do? **Cultural Anthropology**, v. 33, n. 3, p. 375-385, 2018.

SILES, Ignacio; GÓMEZ-CRUZ, Edgar; RICAURTE, Paola. Toward a popular theory of algorithms. **Popular Communication**, v. 21, n. 1, p. 57-70, 2023.

WINQUES, Kérley; LONGHI, Raquel Ritter. Dos meios às mediações (algorítmicas): mediação, recepção e consumo em plataformas digitais. **Matrizes**, v. 16, n. 2, p. 151-172, 2022.